



## Psicanálise e a Arte da Interpretação: o sujeito do inconsciente em cena

Higor de Sousa Brito <sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir o estado da arte da técnica de interpretação: suas origens, desdobramentos, efeitos, e seu lugar na clínica psicanalítica. Tal estudo se faz importante, uma vez que essa técnica permeia todo o fazer analítico, sendo indissociável da práxis psicanalítica. A partir de uma revisão bibliográfica, faz-se possível compreender parte do percurso histórico do desenvolvimento da psicanálise, e como a mudança do método de investigação converge para o nascimento de uma técnica da interpretação. Essa revisão literária foi articulada com o estudo de caso a fim de se apreender os principais conceitos aqui apresentados, bem como sua aplicabilidade. À luz das considerações tanto de Freud quanto de Lacan verifica-se a importância de tal técnica que abarca desde a concepção de sujeito até o corte e a pontuação enquanto técnicas consolidadas, passando também pelo diagnóstico diferencial. Portanto, é possível conceber que, embora não haja uma regra para a técnica da interpretação, ela deve ser pensada como uma comunicação que necessita estar sempre sustentada pela ética, e com o objetivo de promover algo novo àquele que a escuta, não sendo em hipótese alguma sugestiva, a fim de não direcionar o sujeito do desejo. Em conclusão, a literatura nos mostra que as interpretações estão presentes não na pessoa do analista, mas no próprio analisando que associa livremente.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Interpretação; Freud.

### Abstract

This paper aims to discuss the state of the art of interpretation technique: its origins, consequences, effects, and its place in psychoanalytic clinic. Such study is important, since such technique permeates all analytical work, being inseparable from psychoanalytic praxis. From a literature review, it is possible to understand part of the historical course of the development of psychoanalysis, and how the change of the research method converges to the birth of a technique of interpretation. This literary review was articulated with the case study in order to understand and grasp the main concepts presented here as well as their applicability. In the light of the considerations of both Freud and Lacan – its main reader –, one understands the importance of such a technique that encompasses from the conception of the subject to the cut and the punctuation as consolidated techniques, as well as the differential diagnosis. Therefore, it is possible to conceive that although there is no rule for the technique of interpretation, it should be thought of as a communication that needs to be always supported by ethics, and with the aim of promoting something new to the listener, not being, under any circumstances. Some suggestive in order not to direct the subject of desire. All least, the literature shows us that interpretations are present not in the person of the analyst, but in the analysand himself who associates freely.

**Keywords:** Psychoanalysis; Interpretation; Freud.

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: higordesousa\_brito@hotmail.com





A técnica da interpretação está intimamente ligada a três dos pilares da teoria psicanalítica, a saber: a associação livre, a atenção equiflutuante e a transferência. Uma vez que a associação livre é, como o próprio nome diz, a fala livre do sujeito (Freud, 1904[5]/2017a; Freud 1924/1996a), e exige em contrapartida a atenção equiflutuante, que é a escuta sem privilegiar nenhum elemento do que foi dito, a interpretação entra em cena, fazendo surgir o sentido daquilo que uma vez fora ocultado pelo inconsciente –, contornando as resistências, que por sua vez, é uma das formas de manifestação da transferência (Freud, 1912/2017b; Freud, 1914/2017c; Freud, 1915[14]/2017d).

Por conseguinte, ao pensar em uma prática clínica – em especial, a clínica das neuroses –, o presente artigo tem o objetivo de discutir o estado da arte da técnica de interpretação: suas origens, desdobramentos, efeitos e seu lugar na clínica psicanalítica. Esse estudo faz-se importante, uma vez que essa técnica permeia todo o fazer, sendo indissociável da práxis psicanalítica.

## **O Inconsciente em Cena: Freud, do método psicanalítico à técnica da interpretação**

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud oscila entre o método de sugestão, catarse e hipnose até meados de 1893 – quando as abandona. É Freud (1904[5]/2017a) que nos conta os motivos de abandonar tais técnicas, em razão da associação livre: ele constata, pelos resultados obtidos, que o sucesso do tratamento depende tanto da habilidade do médico quanto da crença do paciente no tratamento, bem como o fato de muitos não serem suscetíveis à hipnose.

Destarte, Freud utiliza a técnica da hipnose como promotora da cura (Freud 1904[05]/2017a; Freud, 1924/1996a), porém em algumas vezes ele recorre também à

sugestão (Freud, 1890/2017f; Freud, 1905[04]/2017g), pois acreditava-se que, através da fala do médico, era possível mudar o estado afetivo do sujeito sobre determinadas crenças ou sensações, inibindo a ideia patogênica (Roudinesco & Plon, 1998).

Mais tarde, em seus estudos junto a Breuer, Freud (1904[05]/2017a; Freud, 1924/1996a) adota a catarse, método que ele denominou “analítico” (Freud, 1905[04]/2017g). O método catártico consistia em uma descarga dos afetos patogênicos, e uma cura pela ab-reação (Laplanche & Pontalis, 2001). Essa mudança possui tamanha expressividade a ponto de Roudinesco e Plon (2000) afirmarem que: “Foi ao abandonar a sugestão em favor da catarse que Sigmund Freud inventou a psicanálise” (p. 735). Porém, tal método não é o último antes da associação livre.

Um outro método utilizado por Freud (1893/1996c) foi a concentração<sup>1</sup>, através do qual, pressionando a testa ou cabeça do paciente, pedia-se que ele se lembrasse da origem do sintoma. Esse método foi utilizado em alguns pacientes, a exemplo de Miss Lucy (1892). Contudo, depois de algum tempo, Freud reconhece que a insistência para que o paciente fale é desnecessária, pois as ideias surgem espontaneamente, ao passo que só não são comunicadas ao médico por censura do próprio paciente. Com isso, a concentração é abandonada, passando a ser adotada a associação livre (Freud, 1923/1996c).

É por volta de 1896<sup>2</sup> que Freud adota a associação livre (Freud, 1905[1904]/2017g), sendo o caso de Emmy Von N., em aproximadamente 1889, o acontecimento crucial para que Freud abandone outros métodos, pois parte dela o pedido para falar livremente (Freud, 1904[1905]/2017a).

O novo método pede que o paciente, agora em um divã, diga ao analista tudo o que

<sup>1</sup> Sobre isso ver *Estudos sobre a histeria vol. 2. Freud e Breuer 1893-1895*

<sup>2</sup> Data obtida por aproximação considerando que em *Sobre psicoterapia de 1904[5]/2017 p. 67* Freud afirma que há oito anos não utiliza a hipnose para fins terapêuticos.





lhe vier à mente – sem censuras – por mais embaraçoso que isso lhe pareça (Freud, 1904[5]/2017a; Freud 1924/1996a) “... principalmente aquilo que se sentir tentado a omitir, seja por que razão for” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 649).

Para Freud, o percurso histórico até chegar à associação livre é de suma importância para a psicanálise e a técnica analítica. In verbis: “Precisamos continuar gratos à antiga técnica hipnótica, pois ela nos apresentou alguns processos psíquicos da análise de forma isolada e esquemática” (Freud, 1914/2017c, p. 152). É a partir de todo esse precedente que, ao chegar à associação livre, Freud (1923[1922]/1996b) inaugura conceitos, como a transferência, a atenção equiflutuante e também a técnica da interpretação (Freud, 1904[5]/2017a).

Ora, a transferência é uma condição *si ne qua non* para a análise (Freud 1924/1996a). Grosso modo, trata-se de uma atualização inconsciente de como o sujeito conduz seus investimentos libidinais, sendo que na clínica psicanalítica tais investimentos são direcionados à figura do analista (Freud, 1912/2017b; Freud, 1914/2017c). Para Lacan (1966/1998a), a transferência é a “. . . mola operante do laço intersubjetivo entre o analisando e o analista” (p.526). Sendo assim, Freud (1912/2017b) aponta para o fato de que, na análise, a transferência assume a forma da mais forte resistência, visando dificultar o acesso aos conteúdos inconscientes.

Um parêntese se faz importante: Jorge e Ferreira (2005), com base no ensino lacaniano, salientam que a resistência é do analista. Para eles, o analista resiste ao focar nas manifestações transferenciais que apontam para uma resistência; afirmam que: “. . . dar ouvidos à resistência é não apostar no retorno do recalcado” (p. 64). Embora considerem que exista uma resistência por parte do analisando, é somente quando o analista cessa de resistir que a escuta se faz possível, e a interpretação também.

Por conseguinte, é pela forma com que a transferência se manifesta na relação analista-analisando que ela é também responsável pelo diagnóstico diferencial, dado a partir do lugar em que o sujeito coloca o analista. É, segundo o diagnóstico estrutural diferencial (neurose, psicose e perversão), que se determina a direção do tratamento, e também a forma de interpretar o que o analisando diz (Calligaris, 1989; Faria, 2012; Faria, 2014). É importante ressaltar que a presente discussão gira, predominantemente, em torno de uma clínica da neurose, sendo que a clínica da psicose e da perversão demandam alguns cuidados no manejo da transferência e por consequência, na forma da interpretação (Puglia, 1999).

Dito isso, é a atenção equiflutuante que torna possível ouvir com atenção uniformemente suspensa e distribuída em equidade, o que o analisando diz, guardando na memória coisas que a priori são insignificantes, cuja importância e correlação serão reveladas a posteriori (Freud, 1912/2017h). Logo, é necessário estarmos pautados na atenção equiflutuante para sermos capazes de interpretar, a partir das livres associações do analisando, a fim de que as resistências sejam superadas (Freud, 1914/2017c).

É nesse viés, que ao falar da psicanálise Freud (1923[1922]/1996b) a define como: a) procedimento, b) método, c) coleção de informações, e c) *arte interpretativa* no sentido de apreender o significado que está oculto nas livres associações. Com isso, a *arte da interpretação* é tida por ele como a capacidade do analista de: “. . . a partir dos minérios das ocorrências involuntárias, representar o teor de metal dos pensamentos recalcados” (Freud, 1904[5]/2017a, p. 55).

Embora o tema da técnica interpretativa tenha feito correr muita tinta, Freud afirma reiteradas vezes que o objetivo da interpretação é contornar as resistências. Uma vez que a resistência é superada ao trazer à consciência, o que outrora estava oculto no





inconsciente, tal superação trata-se de um acontecimento que só é possível a partir do que o sujeito produz na transferência (Freud, 1914/2017c). Alguns autores, como Roudinesco e Plon, (1998) e Laplanche e Pontalis (2001), concordando com o que foi dito até aqui, apontam para a interpretação como uma comunicação que esclarece ao analisando conteúdos inconscientes e/ou latentes. Tais comunicações, afirma Freud, não devem ser feitas: a) até que o próprio analisando aproxime-se por si mesmo do que foi recalcado, e b) que a transferência esteja bem estabelecida, e conclui que “. . . atropelá-lo [o analisando] com a comunicação abrupta de seus segredos, adivinhados pelo médico, são tecnicamente condenáveis . . .” (Freud, 1910/2017j, p.87).

Em outro estudo – *Construções em análise* – Freud afirma que: “Interpretação se refere àquilo que fazemos com um único elemento do material, a exemplo de uma ocorrência [*Einfall*], um ato falho, ou assemelhados” (Freud, 1937/2017i, p. 370). Tal conceito de interpretação é reforçado por Dunker (2017), sob a concepção de que esse trabalho se faz em torno de signos, índices ou traços que porventura possam indicar algum valor psicopatológico. Valor que demove a atenção equiflutuante que se concentra agora em tais fenômenos. Isso porque, é quando tais ocorrências emergem, que o inconsciente se abre, dando a oportunidade para as interpretações.

É nesse lugar de interpretação na ordem da comunicação que caberia retomar um importante texto do Freud neurologista: *Um estudo sobre a concepção das afasias* (1893) que, para Tavares (2016), é o precursor de alguns conceitos psicanalíticos. É nesse estudo que Freud (1891/2016) introduz a relação entre representação de palavra e representação de objeto – que mais tarde viraria representação de coisa. Para ele, essa articulação entre representação-palavra e representação-objeto trata-se de uma produção simbólica. A representação palavra é um sistema fechado,

enquanto a de objeto é um sistema aberto; assim, é por essa dialética de representações que a palavra ganha objeto e vice-versa.

Ainda sobre tais representações, Freud (1891/2016) infere que a representação palavra, é composta por: imagem de som, imagem visual das letras, imagem do movimento da fala, imagem do movimento da escrita; porém para ele, a palavra ganha significado ao se ligar com a representação de objeto.

A representação de objeto, por sua vez, é: “. . . um complexo associativo composto pelas mais diversas representações visuais, acústicas táteis, sinestésicas, etc.” (Freud (1891/2016, pp. 102-103). Assim, tal representação é perpassada pela percepção, e somente adquire corpo ao se articular com a representação de objeto.

Em suma: “A relação simbólica é, portanto, a pré-condição para o estabelecimento do signo” (p. 64). Ora, sendo o signo a articulação entre o significado o significante, i.e, entre a palavra e o objeto, é possível notar a arbitrariedade de tal signo (Roza, 2008). Arbitrariedade que fica mais evidente ao entender o conceito de representação como a reprodução da percepção anterior de algo concreto, ato ou pensamento (Laplanche & Pontalis, 2001), dando assim notícia de que se trata de uma vivência subjetiva, onde cada palavra pode trazer consigo uma infinidade de objetos, a depender da vivência de cada sujeito.

Sendo assim, a interpretação da ordem da comunicação não é algo pronto na pessoa do analista, haja vista que a interpretação freudiana é calcada no deciframento da intersubjetividade apontada para as muitas facetas do signo – que é arbitrário, apreendendo um sentido que já existe, mas que escapa ao sujeito da análise. Além disso, no que tange à teoria, o sujeito freudiano seria fruto de interpretação, pois é visto à luz dos postulados de Freud (Birman, 1993).

## Lacan e a Deixa: da escanção ao corte





Lacan propõe suas elucubrações sempre em torno do que estruturou Freud e, por conta disso, Marco Antonio Coutinho Jorge e Nadiá Paulo Ferreira deram a um de seus livros o título de *Lacan, o grande freudiano* (Jorge & Ferreira, 2005). É nessa mesma obra que os autores introduzem alguns conceitos lacanianos, como, por exemplo, o de um inconsciente estruturado como uma linguagem.

Ora, a transmissão lacaniana não deixa de lado a palavra, nem suas representações inconscientes contidas nela, pois é Lacan quem diz: “. . . o inconsciente tem a ver, em primeiro lugar, com a gramática” (Lacan, 2011, p. 19), e mais à frente conclui: “O inconsciente, disse eu, estrutura-se como uma linguagem” (Lacan, 2011, p. 24). Para ele, a linguagem trata-se de uma cadeia simbólica na qual o sujeito está inserido desde antes do nascimento. Nesse sentido Lacan segue parte de sua transmissão entendendo a relação entre sintoma, inconsciente e linguagem (Jorge & Ferreira (2005).

Tendo também como tema as questões da linguagem, Jorge e Ferreira (2005) evocam um conceito importante para nossa apreensão: *alíngua*. A *alíngua* (lalíngua ou lalangue) é para os autores “língua particular do analisando” (p. 68), portanto ela é única, movida pela homofonia, pautada no mal-entendido, sem significação a priori (Góis *et al*, 2008). Através dela a função da palavra é tornar diferente tanto quem ouve quanto quem fala. (Lacan, 2005).

Para Puglia (1999), a palavra que se situa nesse inconsciente estruturado como uma linguagem, ancora-se em um sistema simbólico. Essa língua particular, por sua vez, estrutura-se como S/s – significante *sobre* significado – (Lacan, 1966/1998a), e o que está em jogo é a relação do sujeito com o Significante do Outro. Assim, o conceito de significante ganha um lugar especial e, na obra lacaniana, é entendido como a unidade mínima do simbólico, sendo aquilo que revela o sujeito para outro significante, (Quinet, 2009). A

menor cadeia significante é sempre um par (\$) – ideia semelhante às representações freudianas – e o sujeito desliza por essa cadeia de significantes (Jorge & Ferreira, 2005).

No que tange à técnica da interpretação, ela perpassa a linguagem, os significantes, a fala, o inconsciente estruturado como linguagem, sendo baseada “. . . nas defasagens entre ‘o que se escuta e o que se diz’, e entre ‘o que se escreve e o que se lê’ . . .” (Góis *et. al*, 2008). Segundo Lacan (2011), toda interpretação está pautada no tripé fala-escuta-gozo: “Não há interpretação que não se refira à ligação entre aquilo que se manifesta de fala, no que vocês escutam, e o gozo . . .” (p. 26).

Logo, é em Quinet (2009) que podemos entender mais a fundo a relação fala-escuta-gozo. Para ele, há na cadeia de significantes uma representação pulsional que foi recalçada e cifrada pelo inconsciente. É um gozo pulsional da ordem do sintoma, que, por ser inconsciente, é também inserido na linguagem. Desse modo, é trabalho do analista ouvir tais conteúdos, e interpretá-los. O sintoma, lembra Puglia (1999) “. . . é a forma que o sujeito encontra para ‘lidar’ com a incompletude do significante, com o não poder dizer tudo” (p. 53).

Nessa ciranda de fala-inconsciente (de)ciframento-gozo-sintoma, a interpretação intervém na cadeia de significantes, em que:

[...] para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõe algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante (Lacan, 1966/1998d, p.599)

Essa intervenção nessa cadeia de significantes é necessária, pois, embora a fala determine “. . . o lugar daquilo a que chamamos verdade” (Lacan, 2011, p. 25), existe uma





distorção nessa fala, que Lacan (1966/1998a) afirma ser a função da metáfora (trocar uma coisa por outra) e da metonímia (uma parte pelo todo).

Por conseguinte, é nesse enunciado distorcido, “mal elaborado”, polifônico e polissêmico que se dá nosso interesse enquanto analistas, pois é ele que permite entender a relação entre a palavra e o desejo, surgindo então o sujeito do significante (Jorge & Ferreira, 2005). Para (Quinet, 2009), é ouvindo e pontuando – sendo a pontuação uma das formas possíveis de interpretação – que o analista faz com que o sujeito do inconsciente surja.

Esse sujeito do inconsciente que se manifesta na análise, apresenta diversas queixas, e fala ao analista sobre seus sintomas. Ora, o objetivo da interpretação, conforme aponta Lacan (2005), é de “elucidação do sintoma” (p. 40), é preciso então, que se faça durante a análise, a *retificação subjetiva*. Esse tipo de interpretação tem como objetivo mostrar a ordem das coisas, ou seja, levar o sujeito a uma percepção de sua relação com o sintoma (Quinet, 2009). Em suma, a retificação subjetiva é a passagem que o sujeito faz de uma queixa sintomática a uma queixa sintomática na qual ele próprio (o analisante) está implicado (Puglia, 1999).

Além da retificação subjetiva, Jorge e Ferreira (2005) apontam no sentido de que “a interpretação é uma *pontuação* do discurso do sujeito” (p. 67). Em sua transmissão, Quinet (2009) deixa a entender que a pontuação e a escanção são sinônimos, e que podem aparecer na análise em forma de perguntas retóricas, exclamações, interjeições, e a partir do corte.

Além de pontuações, cortes, perguntas, e afins, o corte é também uma interpretação. Uma “interpretação em ato” (Quinet; 2009, p. 54), através do qual o sentido se dá a posteriori. Ao promovê-lo, o analista age como aquele que rompe com a cadeia de significantes e coloca um ponto final provisório na frase do analisando, que será acrescido de uma interrogação (.?). Essa técnica – assim como

todo o processo analítico em Lacan – subverte o tempo cronológico, adotando o tempo lógico (Lacan, 1966/1998a; Lacan, 1966/1998b).

Ainda sobre a diferenciação entre o tempo lógico e o tempo cronológico, Quinet (2009) afirma que ao contrário do tempo cronológico – cronometrado, o tempo lógico trata-se de um tempo do inconsciente. Assim, sendo o inconsciente atemporal, o tempo lógico obedece à forma da cadência de significantes da fala do sujeito, sendo essa fala uma manifestação do inconsciente estruturado como linguagem. Logo, a análise se guia não pelo relógio, mas pela palavra do analisante.

O corte, portanto, guiado pelo tempo lógico da cadeia significante e inconsciente, se dá enquanto técnica interpretativa da ordem do enigma, e conduz o sujeito aos três tempos lógicos, a saber: o momento (ou tempo) de olhar – que não vê nada; de compreender – que vê o que o primeiro não vê; e por fim de concluir – que vê os dois olhares precedentes (Costa, 2008; Quinet 2009). Não obstante, tais operações interpretativas só se fazem possíveis a partir da transferência e do desejo do analista (Lacan, 1966/1998d).

É necessário lembrar que o analista só ocupa seu lugar transferencial a partir do seu desejo que é advertido – desejo do analista de que o sujeito associe livremente (Lacan, 1966/1998d). Além disso: a) a interpretação é um pagamento do analista pela análise, b) o analista paga também com sua pessoa enquanto sustentadora da transferência (Lacan, 1986/2008a; Lacan, 1966/1998d). Sendo assim, convém a nós questionarmos quais os efeitos da interpretação para Lacan.

Acerca dos efeitos da interpretação, Lacan (1966/1998d) afirma que é preciso pensar nas consequências, já que o lugar de onde o analista interpreta é o lugar do Outro transferencial. Contudo, embora não haja regras para ela, a interpretação há de ser pensada como o que permite a produção de algo novo, ao passo que se reconhece seu caráter de pertinência por aquilo que se desenvolve a posteriori.





Assim, muito embora seja difícil precisar os efeitos e consequências de uma interpretação, ou seja, ainda que o controle e a predição seja algo que escape ao campo analítico, isso não faz com que sua práxis seja menos ética, ou menos válida. Se o sujeito que fala toma o lugar do Outro a partir do significante, sendo o falo o significante que designa o significado (Lacan, 1966/1998d), uma interpretação criteriosa é imprescindível, uma vez que o campo do desejo não pode, nem deve ser fechado pelo analista, no sentido de que o desejo e a angústia são dialéticos. O analista que escuta em um semblante – de objeto  $a$ , sustentado pelo seu desejo, produz nesse  $\$ \diamond a^3$  a angústia, uma falta-a-ser, que o levaria a uma ação: uma fuga para adiante (Lacan, 1992).

Por fim, podemos dizer que a interpretação em Lacan nos direciona a pensar no a posteriori, ou seja, a refletir sobre quais os efeitos e as implicações de uma interpretação para a relação transferencial na qual o analisando está implicado – e que ouve o analista a partir do Outro. Além disso, quer seja uma pergunta, o silêncio, uma interjeição ou o corte, seu objetivo é o de produzir algo novo, pensando que a interpretação pode ser da ordem do equívoco, seja ele homófono, gramatical, ou paradoxal, pois é através dele – do equívoco – que o sentido se dá à escolha do analisando (Puglia, 1999).

## Método

Este artigo foi construído tendo como embasamento um estudo de caso desenvolvido a partir dos atendimentos realizados em uma clínica-escola do curso de Psicologia de um Centro Universitário. Os atendimentos em questão compõem a obrigatoriedade do Estágio Curricular da Graduação em Psicologia.

<sup>3</sup> Sendo o  $\$$  o sujeito barrado;

$\diamond$  o operador: desejo de;

$a$ : o pequeno  $a$  - pode ser entendido como *objeto a*, ou seja, como a causa de desejo; já na fantasia ele é o

## Participante

O nome da paciente será ocultado por questões de ética profissional, por isso daremos a ela um nome fictício de Beatriz – nome inspirado na canção de Chico Buarque e Edu Lobo.

Beatriz tem 16 anos, é estudante do ensino médio e estuda também piano, informática e inglês, além de praticar atividade física e ser atriz. Porém, no início do processo, ela estava afastada dos palcos. É a mais nova de dois irmãos, sendo a única que mora com os pais, e a única mulher. Ela ajuda a família em um pequeno comércio do qual são proprietários. Chega à clínica por demanda da mãe e é encaminhada pelo psiquiatra após uma tentativa de suicídio, ingerindo uma mistura de medicamentos com energético.

## Instrumentos e Materiais

Foram usados então o termo de consentimento livre e esclarecido, o formulário de anamnese, ficha de presença e ficha de evolução do prontuário. Todas elas fornecidas pelo serviço de psicologia da instituição de ensino.

## Procedimentos

Para que fosse possível realizar os atendimentos, valeu-se de um termo de consentimento livre e esclarecido – assinado por um dos responsáveis, que fazia especificações sobre o uso dos dados para estudos futuros, com garantia de sigilo absolutos das informações que poderiam vir a identificá-la. Na primeira sessão, fez-se o contrato – tanto terapêutico quanto institucional –, informando à paciente sobre o funcionamento da clínica; o protocolo de faltas, feriados, e outras questões burocráticas.

suporte do desejo (Lacan, 2005) – objeto de desejo. Pode-se ler: Sujeito barrado pulsão de  $a$  (objeto - causa - de desejo).





Na ocasião, foi anunciada a ela a regra fundamental: a associação livre. As sessões foram feitas com a escuta em atenção equiflutuante. Os atendimentos aconteciam duas vezes por semana, às segundas e às quintas, mas posteriormente – após a décima segunda sessão, foram mantidos somente às segundas a pedido de Beatriz. Foram realizadas, ao todo 31 sessões.

## Resultados e Discussão

Neste trabalho buscamos articular a teoria – partir da revisão bibliográfica levantada – com os atendimentos realizados, a fim de apreender a aplicabilidade teórica e entender o lugar da interpretação na clínica. Nesse viés, todos os dados apresentados aqui são recortes, e sua articulação com a teoria são possibilidades aventadas no processo.

As entrevistas preliminares (Quinet, 2009) começam, assim como a canção de Chico Buarque, marcadas com diversos pontos de interrogação. Como seria Beatriz? Triste? Moça? Retrato ou pintura? Qual papel ela decora? Como atua? Será que atua? Seria a casa um cenário? Seria comédia, mentira ou divina a vida? Qual o diagnóstico diferencial? Beatriz acredita que é outro país, ou mora em um arranha-céu? Beatriz chora? Já despencou do céu?

No entanto, é apenas no decorrer do processo que algumas dessas questões poderão ser exploradas a fundo.

A transferência, que para Lacan (1966/1998a) é mola, para Beatriz e o estagiário torna-se o palco, onde, guiados por um roteiro em branco, sem rubricas ou falas determinadas, fala-se uma linguagem própria: a lalangue (Jorge & Ferreira, 2005). Beatriz conta então que chega ao NEP trazida pela mãe após sua última tentativa de suicídio – contudo, ela termina contando sobre outras duas precedentes, mas, segundo ela, a mãe só sabia da mais recente.

As tentativas de suicídio aconteceram em um ato dividido em três cenas, conforme a narrativa a seguir:

Cena I: Uma nota vermelha. Uma mãe. Um medo. Um pulo. Assim se resume a primeira tentativa de suicídio, em que, no papel de filha, temendo que a mãe brigasse com ela, Beatriz lança-se na frente de um carro, após ter tirado uma nota baixa na escola. Cena II: Um teatro. Uma angústia. Uma galeria. Um salto. Assim, tomada por uma angústia à qual não consegue nomear na sessão, Beatriz despenca do céu, em uma tentativa de tirar a própria vida. Cena III: Tarefas escolares. Um ensaio marcado. Falta de tempo. Uma angústia. Remédios. Energético. Um desmaio. É assim que, pela terceira vez, Beatriz tenta suicídio ao ter ensaio no teatro e não poder comparecer por ter deveres escolares a fazer. Ela, então, ingere uma mistura de energético com remédios.

O estagiário, sustentado pelo seu desejo, também atua no palco da transferência, ocupando assim um papel: o semblante de objeto *a* (Lacan, 1966/1998d). É pelo fato de uma transferência ter-se estabelecido que é possível a Beatriz dizer sobre sua relação familiar, em que, na visão dela, o irmão mais velho é o favorito da mãe, o do meio é considerado o filho problemático, “... e a mim, minha mãe ainda não decidiu o que sou [sic]” – conta. E segue: “se meu irmão não tivesse morrido eu nem teria nascido. Não sei por que não consigo viver minha vida. Não sei por que não consigo viver por dois [sic]” Beatriz é a filha que nasce depois que a mãe sofre um aborto espontâneo.

Ainda sobre essa relação familiar Beatriz fala sobre o pai. Segundo ela “ele vive na sombra da minha mãe” Talvez por isso ela fale pouco dele, em verbalizações do tipo: “é mais fácil dizer não para o meu pai do que para minha mãe” Ora, o Significante está no Outro, que possui, ainda que imaginariamente o falo. Esse falo é o significante que designa o significado (Lacan, 1966/1998d), sendo o Nome-do-Pai representante simbólico da Lei i.e, o detentor do falo.

Pode-se então inferir que essa relação eclipsada com o pai pode ter algum efeito sobre a vida de Beatriz, qual efeito? As tentativas de







suicídio seriam uma falta de significante, onde ela, não encontrando formas de narrar sua angústia, cria suas cenas, atuando na realidade? As respostas de “*não sei*” às perguntas do estagiário sinalizariam uma falta de simbólico para expressar suas questões? O que implica na vida de Beatriz essa função paterna? Quais os efeitos e desdobramentos dessa relação?

A partir de algumas sessões, pensando o sujeito da teoria freudiana fruto da interpretação – como propõe Briman (1993) – é que se levanta a hipótese do diagnóstico diferencial, tão importante para o tratamento (Calligaris, 1989; Puglia, 1999; Faria, 2012). Sendo assim, pôde-se inferir que Beatriz estaria se questionando sobre sua existência, proferindo a pergunta “*o que eu sou para o outro?*”. Portanto, chega-se à conclusão de que se trata, como propõe Faria (2014), do discurso e de uma estrutura clínica histérica, logo neurótica.

Porém, ainda com a hipótese diagnóstica e algumas sessões feitas, perguntas ainda ecoam. As sessões seguem e a paciente relata que os irmãos acreditam ser a sua tentativa de suicídio uma atitude “*para chamar a atenção*”. O estagiário interpreta da seguinte maneira: se fosse para chamar atenção, seria atenção de quem? – ao que ela responde ser de sua mãe. Essa interpretação talvez seja precoce, contrariando a recomendação freudiana sobre a comunicação após a transferência estabelecida, e aproximação do recalcado (Freud, 1910/2017j). Contudo, sete sessões mais tarde, ocorre um desdobramento: Beatriz afirma que está investindo em si toda a atenção que acreditava demandar de sua mãe.

No palco da transferência, Beatriz segue atuando: comete atrasos e esquecimentos; faz elogios ao estagiário; troca os dias e os horários; assume compromissos no horário da sessão; desmarca a sessão e, mesmo desmarcando, comparece; faz perguntas sobre a vida pessoal do estagiário; demanda que o estagiário fale.

Para Freud (1912/2017b), tais acontecimentos transferenciais apontariam para uma resistência manifesta de forma evidente. Aqui a interpretação entraria em cena (Freud, 1914/2017c). Porém, é necessário esperar, ser cauteloso sobre o momento de interpretar, pois, apesar de todos os avanços na técnica, – tanto para Freud (1904[5]/2017a, 1937/2017i) e seus leitores (Dunker, 2017) quanto para Lacan (2011) e seus leitores (Góis et al., 2008) – há uma consonância de que a interpretação deve ser feita a partir dos “deslizes” cometidos pelo sujeito.

Assim, não se faz necessário esperar muito e eis que um desliz acontece: em um dos atendimentos, Beatriz fala sobre os entraves com a mãe. Conta que se sente sufocada pelo excesso de cuidados, que sente medo de sair dos ideais que a mãe planejou para ela, mas, apesar disso, sente que o cuidado é um lugar confortável. Ela afirma ter “*Medo de ficar só [...] Medo de perder o amor da mãe [sic]*”. Ela também fala sobre o desejo de se isolar em uma casa distante, afastada: “*queria ficar só em uma casa no meio do mato*”. Pensando então na interpretação em forma de escanção (Quinet, 2009), destacando o que foi dito, o estagiário a interroga se ela gostaria de estar sozinha. Beatriz, então, responde que a mãe seria uma companhia possível. O estagiário questiona se ela levaria sua mãe para a possível casa, e ela então afirma não estar pronta para o vazio. Nesse momento faz-se o corte.

A partir do trecho acima, é possível afirmar que as perguntas: “*você gostaria de estar sozinha?*”, e “*você levaria sua mãe?*” operaram como uma retificação subjetiva (Quinet, 2009). Isso porque, na verbalização “*não estou pronta pro vazio*”, é notório uma virada pois, desde então, Beatriz deixa de se queixar das outras pessoas (mãe, irmãos, pai, namorado, etc.), passando a compreender sua implicação na queixa que faz (Puglia, 1999). Dizer que não está pronta para o vazio implica em algo semelhante a: o meu papel não me



cabe, mas não sei como é atuar do outro lado. O que fazer?

Além do supracitado, pode-se inferir que, se a equivocação exprime a relação entre palavra e desejo (Jorge & Ferreira, 2005), o corte fez com que a contradição fosse escandida. É possível conjecturar que ele pôde também destacar o medo que Beatriz sente de abandonar os ideais e, com isso, ficar só e perder o amor da mãe – algo da ordem da palavra, *versus* a vontade de sair desses ideais (ficar sozinha) – desejo. Além disso, o corte, de alguma forma, lança Beatriz a um monólogo: à solidão.

O que ocorre na sequência é Beatriz apresentando uma curiosidade sobre a pessoa do estagiário. Ela faz elogios, questionamentos sobre a vida pessoal, comete esquecimentos e os atrasos se mantêm. As perguntas são manejadas a fim de que, como propõe Freud (1905[1904]/2017g), o processo ocorra sob a regra da abstinência. É essa recusa transferencial de responder às demandas que levaria a uma angústia e uma fuga para adiante, e um não tamponamento do desejo (Lacan, 1992).

A recusa transferencial do estagiário em responder às demandas de Beatriz, aliada ao processo em si, além das interpretações, permite que ela então produza novos movimentos em sua vida: inicia um namoro; aprende a jogar truco – coisas que, segundo ela, a mãe não aprovaria; além de ganhar uma nota vermelha e não tentar novamente suicídio. Assim, a relação dialética entre desejo e angústia (Lacan, 1992) mostra-se evidenciada quando ela diz que, em algum momento, necessitaria se distanciar daquilo que os pais idealizaram para ela: “*todo mundo é sozinho[sic]*” – conclui.

Segundo ela o namoro é uma situação complicada, porque nem a mãe nem os irmãos desejam que ela namore. Porém, ela afirma que “*transgredir as normas*” – o que para nós pode ser interpretado como algo no sentido de se afastar dos ideais desse Outro – “*é libertador*”. O que teria provocado então esse movimento

na vida de Beatriz? Teriam as interpretações produzido algo novo, como propõe Lacan (1966/1998d)?

É certo que, desde o começo do processo, há, por parte de Beatriz, um discurso marcado por um não saber. Durante as sessões, ela consegue passar do não saber à verbalização. E da verbalização a novos movimentos. Ela conta que passou a correr todos os dias pela manhã como prática de exercício físico, e que também entrou em um grupo de capoeira.

Beatriz traz novas notícias nas sessões seguintes: conta que se submeteu a um teste para o curso técnico em teatro, mas foi reprovada. No entanto, após algumas sessões, ela conta que conseguiu nova chance para o teste e que dessa vez havia sido aprovada. Fala sobre as mudanças que teve de fazer em sua nova rotina, para adaptar um compromisso a mais. Conta sobre o fim do namoro, dizendo que, por mais que o namorado quisesse voltar, ela sentia que já havia tentado tudo o que podia.

Em suma, podemos dizer que sim, que em alguma medida, o processo analítico – que já é terapêutico em si e possui sua dose de catarse –, aliado às interpretações, que se deram para além das que aqui foram apresentadas a fim de discussão, vem produzindo efeito na vida de Beatriz, como propunha Lacan (1966/1998d).

Se questionados sobre uma possível exacerbção interpretativa no andamento do processo de Beatriz, podemos facilmente arguir que: a) trata-se de um trabalho que se propõe a discutir a interpretação, logo não faria sentido trazer recortes e vinhetas que não a tocassem em alguma medida; e b) Freud (1912/2017h) afirma que “... o médico deverá ser capaz de utilizar *tudo que lhe foi dito* [grifo meu] para a finalidade de interpretação” (p. 99).

Nesse sentido, as interpretações se deram não só na ordem da dança-de-dois, ou melhor, no teatro-de-dois, mas a posteriori, ao pensar sobre o diagnóstico diferencial, por





exemplo, que é o guia do tratamento. Isso porque, como nos lembra Birman (1999), o próprio sujeito freudiano é per si fruto de interpretação.

Para além disso, os questionamentos, os cortes, as escanções em forma de pontuação, etc., foram entendidos como atos analíticos através dos quais o estagiário entra em cena a partir das deixas dadas por Beatriz. Embora, a priori, ela possa não ter compreendido, os cortes ocorridos também contribuíram para o processo: houve, primeiro, o tempo de olhar: momento em que Beatriz, com medo do vazio, foi justamente empurrada para ele, por meio do estagiário, em uma recusa transferencial. Depois, o tempo de compreender. Mas compreender o quê? Ela ainda não sabe, todavia continua no palco. Haveria ela entendido que a peça continua? Talvez sim, e no palco Beatriz atua, e improvisa. E por fim, houve o momento de concluir – mas a quais conclusões ela teria chegado?

A priori, é impossível responder a tais perguntas. Conforme nos lembra Briman (1993), a interpretação não está no analista, e isso é apreensível se pensarmos que o signo, que é arbitrário (Roza, 2008), é atravessado pelo simbólico. Ora, se o simbólico em Freud se dá pela articulação entre representação-palavra e representação-objeto (Freud, 1891/2016) – em que esta última é um sistema aberto –, é impossível saber qual representação de objeto está contida na representação palavra. Daí a arbitrariedade do signo, e a impossibilidade de aquele que ouve conseguir, por si mesmo, decifrar o sentido do que foi dito, sem recorrer ao sujeito que fala.

Logo, se a representação é a reprodução de algo percebido anteriormente (Freud, 1981/2016), o que Beatriz conta é sempre algo novo, contendo a reprodução do que foi um dia. Isso fica claro quando, em uma das sessões, associando livremente, ela diz algo sobre um rapaz, um amigo do curso que se mudou para outra cidade. Ela afirma que com ele consegue idealizar algo, mesmo ele estando longe, e que sabe que vai enjoar dele como

enjoou dos outros. “*Idealizar?*”, pergunta o estagiário, e ela diz que sim, e explica o porquê. E reitera: “*eu sei que vou repetir o que aconteceu com os outros, e enjoar dele também...*” – aparentemente sem se dar conta. O estagiário então dá ênfase: “*Então você consegue idealizar, e aí repete.*” Beatriz, como quem foi pega dizendo um segredo, responde: “*você me pega nas palavras, né?*”. O estagiário reforça então a idealização e a repetição, e faz o corte.

Nesse ponto da análise não há mais perguntas sobre a pessoa do estagiário, nem atuações na ordem de ausências, esquecimentos e afins. Assim, o corte promovido vai ao encontro da proposição lacaniana de traduzir a partir da sincronia de significantes a diacronia das repetições (Lacan, 1966/1998d). Tradução que não dá significações ou sentidos, como pontua Puglia (1999), afirmando que o corte abre as possibilidades para os desdobramentos, quaisquer que sejam eles, a depender do próprio sujeito.

Com isso, ao encontrar palavras para narrar seu sofrimento, Beatriz consegue se desvencilhar aos poucos de sua angústia sobre a existência, e da responsabilidade de viver por dois, encontrando novas formas de lidar com essas questões. Além disso, ela faz o movimento de se afastar do que ela chama de “ideais dos pais”. A atriz, que já despencou do céu, e que tentou de várias formas sair de cena, volta aos palcos. Atua agora em várias peças, interpreta, e encontra nos diferentes palcos da vida a possibilidade de ocupar diversos papéis, numa forma de, ao mesmo tempo, não ser, sendo o que ela é.

À guisa de conclusão, podemos reiterar que: a) a interpretação é indissociável do fazer psicanalítico; b) além de contornar as resistências, ela pode, enquanto ato analítico, servir para fazer com que o sujeito possa esgotar a sua cadeia de significantes a ponto de encontrar outras cadeias de significantes pelas quais deslizar; c) há nas interpretações algo da ordem do enigma, que não direciona o sujeito,



mas que, mesmo esclarecendo o que foi oculto/cifrado pelo inconsciente e não apreendido pelo sujeito, deixa em aberto o sentido, i.e., a significação; e d) suas técnicas e ferramentas devem ser usadas de forma consciente, levando em consideração a estrutura clínica do sujeito, e a relação transferencial.

## Referências

- Birman, J. (1993). *Ensaio e teoria psicanalítica, 1. parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge e Ferreira Zahar.
- Costa, A. (2008). Interpretação, ato e referência temporal. Em: Backes, C. et. al. (org.) *A clínica psicanalítica na contemporaneidade*. pp. 51-56. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dunker, C. I. L. (2017). (Ed. 1). Uma gramática para a clínica psicanalítica. Em: Tavares, P. H (trad.). *As pulsões e seus destinos*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 2). pp.135-158. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Faria, M. R. (2014). *Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.
- Faria, M. R. (2012). Delírio, linguagem e psicose: contribuições dos primeiros seminários de Lacan ao tratamento possível das psicoses. *Ancheronta*. 27, 92-113. Recuperado de <http://www.acheronta.org/index.html>.
- Freud, S. (1996a). Um estudo autobiográfico. Em: *Um estudo auto-biográfico; inibições, sintomas e ansiedade; a questão da análise leiga e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 20 1925-1926. pp. 15-75. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924[25]).
- Freud, S. (1996b). Dois verbetes de enciclopédia. Em: *Estudos sobre a histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 18 1920-1922. pp. 251-276. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923[1922]).
- Freud, S. (1996c). Miss Lucy R. Em: *Estudos sobre a histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 2 1893-1895. pp. 134-150. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893]).
- Freud, S. (2016). *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. Em: Rossi, E. B. (trad.). (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 1). Belo Horizonte: Autêntica (Trabalho publicado originalmente em 1891).
- Freud, S. (2017a). (Ed. 1). O método psicanalítico Freudiano. Em: Dornbusch, C. (trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 51-61. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1904[05]).
- Freud, S. (2017b). (Ed. 1). Sobre a dinâmica da transferência. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 107-120. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (2017c). (Ed. 1). Lembrar, repetir e perlaborar. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6) pp. 151-164. Belo Horizonte:





- Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2017d). (Ed. 1). Observações sobre o amor transferencial. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6) pp. 107-120. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1915[1914]).
- Freud, S. (2017e). (Ed. 1). Caminhos da terapia psicanalítica. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 191-204. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1919[1918]).
- Freud, S. (2017f). (Ed. 1). Tratamento psíquico (tratamento anímico). Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 19-46. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1890).
- Freud, S. (2017g). (Ed. 1). Sobre psicoterapia. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 63-79. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1905[1904]).
- Freud, S. (2017h). (Ed. 1). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 93-106. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (2017i). (Ed. 1). Construções em análise. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 365-381. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1937).
- Freud, S. (2017j). (Ed. 1). Sobre psicanálise “selvagem”. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 81-91. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (2017k). (Ed. 1). Sobre o início do tratamento. Em: Dornbusch, C. (trad.). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 6). pp. 121-150. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1913).
- Góis, E. et al. (dezembro, 2008). *Langue, via régia para a captura do real*. Em Conversações Clínicas do Instituto de Psicanálise Lacaniana (IPLA). Recuperado de: <http://www.psicanaliselacaniana.com/estudos/documents/LALANGUE.pdf>
- Jorge, M. A. C., Ferreira, N. P. (2005). *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge e Ferreira Zahar
- Lacan, J. -M. E. (1992). A angústia na sua relação com o desejo. Em: *O seminário, livro 8: a transferência*. pp. 349-358. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1991).
- Lacan, J.-M. E. (1998a). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em: Ribeiro, V. (trad.). *Escritos*. pp. 496-536. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1966).
- Lacan, J.-M. E. (1998b). O seminário sobre “A carta roubada”. Em: Ribeiro, V. (trad.). *Escritos*. pp. 13-68. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1966).



- Lacan, J.-M. E. (1998c). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Em: Ribeiro, V. (trad.). *Escritos*. pp. 197-213. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho originalmente publicado em 1966).
- Lacan, J.-M. E. (1998d). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. Em: Ribeiro, V. (trad.). *Escritos*. pp. 591-652. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho originalmente publicado em 1966).
- Lacan, J.-M. E. (2005). *Nomes-do-Pai*. Telles, A. (trad.). Rio de Janeiro: Jorge e Ferreira Zahar.
- Lacan, J. -M. E. (2008). A demanda de felicidade e a promessa analítica. Em: *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. pp. 341-353. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1986).
- Lacan, J.-M. E. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte Anne*. Ribeiro, V. (trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J. L., Pontalis, J.-B. (2001). (Ed. 4.). *Vocabulário da psicanálise*. Lagache, D. (org.). Tamen, P. (trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Puglia, R. C. M. (1999). A interpretação na psicanálise lacaniana. *Impulso*. 26, 47-58. Recuperado de: [https://www.academia.edu/35784972/A\\_INTERPRETA%C3%87%C3%83O\\_NA\\_PSICAN%C3%81LISE\\_LACANIANA](https://www.academia.edu/35784972/A_INTERPRETA%C3%87%C3%83O_NA_PSICAN%C3%81LISE_LACANIANA)
- Quinet, A. (2009). (Ed. 12). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge e Ferreira Zahar
- Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Ribeiro, V & Magalhães, L. (trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1997).
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Roza, L. A. G. (2008). (Ed. 7). *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 1: sobre as afasias (1891): O projeto de 1985*. Rio de Janeiro: Jorge e Ferreira Zahar.
- Tavares, P. H. (2016). (Ed. 1). Apresentação. Em: E. B. Rossi (trad.). *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. (Obras incompletas de Sigmund Freud; Vol. 1). pp. 7-14. Belo Horizonte: Autêntica (Trabalho publicado originalmente em 18